

SIMPÓSIO AT180 LÉXICO-CULTURA: UMA PROPOSTA DE ENSINO- APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA BRASILEIRA

LOPES, Lúcia Helena Ferreira
Faculdade Triângulo Mineiro (FTM)
lucial.itba@gmail.com

Resumo:

O propósito desta comunicação é discutir aspectos teórico-metodológicos referentes ao processo ensino-aprendizagem do léxico na sua indissociável e interdependente correlação com a cultura. Para tanto, selecionou-se como objeto de estudo o Dicionário Popular da Língua Belo-Horizontina (DPLBH), material publicado sob a forma de homenagem do Aeroporto Internacional de BH aos 120 anos de aniversário da capital mineira, em 2017. Os postulados teóricos básicos assentam-se em estudos de Morin (2002), Biderman (2001) e Turazza (2002). Segundo Morin (2002), a cultura é responsável pela manutenção da identidade humana, singular na pluralidade e plural na singularidade. Essa cultura se desvela em língua, de acordo com Biderman (2001), sob a forma das 'unidades lexicais', que compõem o 'tesouro dos signos linguísticos', posto que comporta toda a experiência acumulada de um povo ao longo do tempo e, sendo assim, constitui o acervo de sua cultura, herdada e compartilhada socialmente por meios das interações humanas. Afirma Turazza (2002), que, em situação de uso, as unidades lexicais estão sempre inseridas nos quadros dos processos de discursivização, continuamente ressemantizadas e institucionalizadas quando aceitas pelos falantes. Os resultados preliminares apontam para rupturas e permanências inscritas na dinâmica da desconstrução dos sentidos sedimentados nos dicionários de língua e na reconstrução-ressemantização-reinterpretação-recontextualização de outros/novos sentidos pelos quadros discursivos e pela função sócio-interativa-comunicativa do DPLBH. Esses outros/novos sentidos colocam em relevo matizes singulares dos modos de ser e de proceder do cidadão belo-horizontino, inscritos na singular/plural mineiridade, inscrita na singular/plural identidade cultural brasileira.

Palavras chave: Léxico; Cultura; Ensino-aprendizagem.

Abstract:

The purpose of this paper is to discuss technical/methodological aspects concerning the vocabulary teaching/learning approaches in its inseparable, interdependent connection with culture. In order to do so, the subject studied is the Dicionário Popular da Língua Belo-Horizontina (DPLBH) (Popular Dictionary of the Language of Belo Horizonte, Capital city of the State of Minas Gerais, in free translation), published as a tribute to the International Airport of Belo Horizonte in the 120th anniversary of the city. The basic theories used as ground for studies are essays published by Morin (2002), Biderman (2001) and Turazza (2002). According to Morin (2002), culture is liable for keeping the human identity, singular in its plurality and plural in its singularity. This culture is reflexed into the language according to Biderman (2001), as "vocabulary expressions" that integrate the "treasury of linguistic signs", since they comprise the entire experience accumulated by people along time and, this way, it embraces its whole culture, inherited and socially shared by human interactions. Turazza (2002)

says that when used vocabulary expressions are always incorporated into the meaning process, always with a new meaning and institutionalized whenever they are accepted and spoken by people. Preliminary findings show ruptures and permanent expressions in the speech dynamics of the interpretation of senses embedded in Portuguese language dictionaries and the rebuilding-new meaning – reinterpretation – re-contextualization of other/new meanings through speeches and the social and communication function of DPLBH. These new/other meanings emphasize singular ways of the behavior and characteristics of people from the city of Belo Horizonte, inserted in the cultural singularity and plurality of the city's identity, which, in turn, is part of the Brazilian cultural singularity and plurality.

Keywords: Vocabulary; Culture; Teaching/learning approaches.

A gramática e o dicionário, conforme assevera Rey-Debove (1984), são as tecnologias indispensáveis e complementares que facultam o processo ensino-aprendizagem de uma língua materna ou estrangeira. Polguère (2018), na esteira desse raciocínio, acrescenta ser a língua uma, entre outras, ferramenta privilegiada no processo comunicativo, constituída por um sistema de signos léxico-gramaticais convencionais e pelas regras de combinação desses signos. A gramática, numa perspectiva genérica, responde pelas regras que orientam as combinações aceitáveis desses signos para a formação dos textos por meio dos quais os usuários, dialogicamente, se interagem uns com os outros tanto pela fala oral quanto pela fala escrita.

O dicionário, de acordo com Turazza (2002, p. 156), “contribui para um maior conhecimento e/ou flexibilidade de uso do vocabulário, seja ele geral ou específico, sempre adquirido por processos de interação comunicativa.” Biderman (2001) afirma ser essa tecnologia a responsável pelo registro do léxico da língua, do ‘tesouro dos signos linguísticos’ e, assim sendo, responde pelo conjunto das lexias ou das unidades lexicais que nomeiam o conhecimento construído por/em uma comunidade linguística. Essas lexias ou unidades lexicais jamais são empregadas isoladamente, estando, portanto, sempre inseridas nos quadros dos processos de discursivização e, por isso, “orientam e garantem a produção de sentidos lexicais pelos quais os seus significados são continuamente ressemantizados e institucionalizados quando socialmente aceitos” (TURAZZA, 2002, p. 68). Logo, os falantes de uma dada

língua, pelos processos sócios interacionais, constroem-desconstroem-reconstroem os sentidos lexicalmente instituídos no momento em que utilizam as lexias como palavras – ou seja, no momento em que, acessadas pelo falante, manifestam-se nos enunciados verbais e relacionam o conhecimento *velho* (conhecimento social) com o *novo* (conhecimento individual) e o texto com o seu contexto pragmático de construção (SILVEIRA, 1997).

É nesse e por esse contexto de ressemantização e institucionalização, de conjugação entre o conhecimento velho e o novo que se situa o objetivo deste estudo: analisar aspectos teórico-metodológicos referentes ao processo ensino-aprendizagem da língua materna pela perspectiva léxico-cultural, tomando como referência a unidade lexical “ovo”, inscrita, como vocábulo, no Dicionário Popular da Língua Belo-Horizontina (DPLBH).

1. Léxico-cultura

A língua – aspecto ou dimensão diferente, mas jamais oposta da linguagem e da fala – tipifica-se como um processo sócio-interativo-cognitivo que se materializa por meio de dupla e indissociável lateralidade: léxico-gramatical. O léxico – sistema aberto e dinâmico, posto que os falantes por meio dos processos sócio interacionais, alteram, criam e o conservam – de acordo com Vilela (1994) e Biderman (2001), é, por um lado, o arquivo, o repositório do saber linguístico de uma comunidade uma vez que comporta toda a cultura e a experiência herdada, por vezes preservada e/ou ampliada, por uma comunidade linguística ao longo de seu processo de construção histórica.

Por outro lado, segundo Galisson (1997, apud BARBOSA, 2008/2009), o léxico é a janela que, uma vez aberta, não somente possibilita a um povo ver e contemplar o mundo, mas também ter acesso a outras culturas, outros povos; é o espelho que reflete a visão de mundo de uma dada comunidade linguística, os costumes, os interesses, as tendências, os hábitos e as crenças. Nesse contexto de considerações, postula-se que os conhecimentos linguísticos, construídos em língua materna ou estrangeira, contribuem para a construção

dos conhecimentos culturais na mesma medida que os conhecimentos socioculturais contribuem para a ampliação dos conhecimentos linguísticos.

Assim sendo, o léxico não somente possibilita a um povo conhecer, nomear e etiquetar as coisas do/no mundo, mas também, é por meio das unidades lexicais – carregadas de cultura compartilhada – que se constroem os esteios invisíveis de sustentação de tudo o que se diz e ouve numa dada língua. “Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico” VILELA (1994, p. 6).

2. Léxico-cultura em verbetes do DPLBH

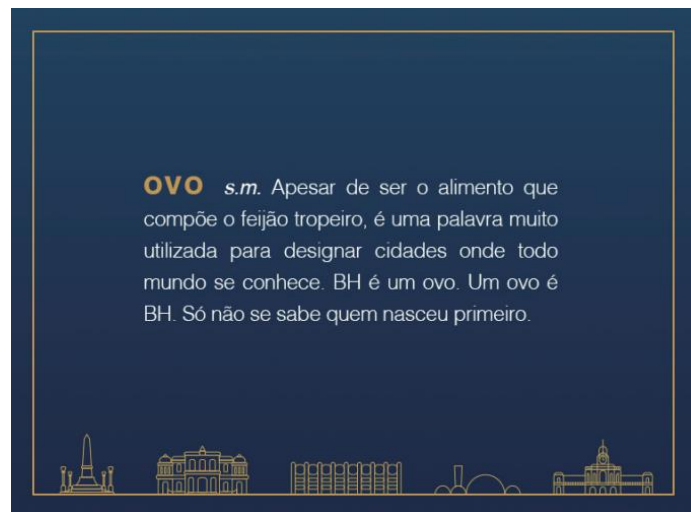
O DPLBH é publicação imprensa, composta por 40 verbetes que expressam o falar único do belo-horizontino, sob a forma de vocábulos criados por a) aglutinação: ‘oncotô’ <onde é que estou?>; ‘doncovim’ <de onde eu vim?>; ‘bunidimais’ <bonito de mais>; b) abreviação: ‘nú’ <Nossa Senhora>; c) onomatopeia: ‘chup chup’ <suco congelado>; d) ressemantização: ‘ali’ <utilizado para indicar objetos próximos, sob a ótica do belo-horizontino, mas distante para o restante dos brasileiros>; ‘lua’ <sol muito quente>; ‘x-tudo’ <sanduíche com diferentes e variados ingredientes>, entre outros.

O dicionário – parte de uma campanha publicitária da BH Airport, que administra o Aeroporto Internacional Tancredo Neves e desenvolvido com o propósito de prestar uma homenagem à capital mineira pelos 120 anos, em 2017 – apresenta macro e microestrutura, elementos que, segundo Turazza (2002), sustentam a configuração de um dicionário. Para este estudo foi pesquisada da versão on line do DPLBH, composta, macroestruturalmente, por 20 unidades lexicais – ‘a neein’, ‘ali’, ‘amendoim’, ‘bololô’, ‘carnaval’, ‘chup chup’, ‘clássico’, ‘copo sujo’, ‘garrado’, ‘lambiscar’, ‘lua’, ‘manota’, ‘mercado’, ‘mexer’, ‘nú’, ‘ovo’, ‘papa’, ‘praia’, ‘saudade’, ‘x-tudo’ – ordenadas alfabeticamente. No que se refere à microestrutura, há: a) entrada lexical, graficamente, registrada em negrito com a cor e a fonte destacadas; b)

categorização gramatical, abreviada em itálico; c) conjunto definicional e d) exemplário.

Dada a natureza sintética deste trabalho, será analisado tão somente o verbete “ovo”, registrado no dicionário Houaiss (2009), apresenta as seguintes definições:<1. Biologia. *Em alguns animais, como aves, répteis e peixes, estrutura expelida do corpo da mãe, que consiste no óvulo fecundado, com reservas alimentares e envoltórios protetores*; 2. Biologia. *Célula reprodutora feminina madura de animais e plantas; célula-ovo*; 3. *O ovo das aves em geral, especialmente o das galinhas*>. **Loc. ‘ser um ovo’** <ser de tamanho mínimo>.

As designações inscritas na definição do verbete ‘ovo’, do DPLBH, estão reproduzidas a seguir.



DPLBH. Disponível em:
<[file:///C:/Users/L%C3%BAcia%20Lopes/Desktop/dicionario_popular_da_lingua_belo_horizontina%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/L%C3%BAcia%20Lopes/Desktop/dicionario_popular_da_lingua_belo_horizontina%20(2).pdf)>. Acesso em: 20 set. 2018

Na dinâmica da contraposição entre aquela definição inscrita no Houaiss e esta do DPLBH, observa-se que o recorte definitório daquele incide sobre o campo discursivo da biologia; neste, sobre o campo discursivo da alimentação. O ‘ovo’ é identificado como um ingrediente do ‘feijão tropeiro’, prato típico da culinária mineira, cujo sentido referencial é conhecido pelos falantes belo-horizontinos e compartilhado entre eles. No entanto, apesar de o ‘feijão’ ser um alimento diário muito presente no prato dos brasileiros, o adjetivo ‘tropeiro’ que o qualifica pode tornar o seu sentido opaco para aqueles falantes que ainda

não construíram conhecimentos históricos significativos sobre o ciclo da extração de metais preciosos nas montanhosas ‘minas gerais’.

Para expandir os conhecimentos sócio-histórico-culturais a respeito do ‘feijão tropeiro’ faz-se necessário revisitar os historiadores coloniais que registraram os feitos das bandeiras paulistas, no Século XVII. Esses destemidos homens, após longas e perigosas andanças sertão a dentro, chegaram ao pico do Itacolomi e descobriram o ouro de aluvião às margens do ribeirão Tripuí, dando início à exploração de metais preciosos naquela Vila que nasceu Rica e, hoje, é Ouro Preto.

Sabe-se que para não concorrer com a economia aurífera, Portugal proibiu o desenvolvimento de outras práticas econômicas na região, inclusive aquelas relacionadas à produção de alimentos para os mineiros <trabalhadores das minas> que chegavam de diversos e variados lugares da Colônia. Assim, todos os bens de consumo que entravam na Capitania eram transportados por tropas a cavalo e/ou no lombo de burros e os homens que respondiam pelas condução das tropas ficaram conhecidos como <tropeiros>. (SANTOS, 2001; SOUZA, 2004).

Como longas eram as viagens, difícil o transporte das mercadorias e escassos os gêneros alimentícios, os tropeiros precisavam de alimentos práticos, nutritivos e substanciosos e, nesse cenário de excesso de ouro e escassez de comida, surge o feijão tropeiro <iguaria preparada pelos tropeiros> à base de feijão misturado com temperos variados, linguiça, farinha de mandioca e o ovo: ingrediente de destaque nessa iguaria que ratravessou os séculos e imprimiu a sua marca na gastronomia de Minas Gerais. Em tempos modernos, com mais fartura e variedade de alimentos, a receita foi incrementada com couve picadinha, bacon, calabresa, torresmo e, em alguns casos, lombo de porco, que lhe acentuou ainda mais o sabor mineiro. Assim em uma visita à Belo Horizonte ou às Cidades Históricas, o turista precisa experimentar saboreando a célebre receita, apelidada, mineiramente, por ‘tropeirão’.

Na segunda acepção, 'ovo' é designado como <algo pequeno>. 'BH é um ovo' <uma cidade pequena>. O sentido de 'algo pequeno', registrado sob a forma de locução equivale aquele registrado no dicionário Houaiss (2009) e configura-se como traços do falar belo-horizontino na sua estreita correlação com Minas Gerais.

Assim considerando, pode-se afirmar que o DPLBH apresenta estrutura composicional similar àquelas inscritas nas orientações teórico-metodológicas voltadas para a elaboração dos elementos macro e microestruturais de dicionários monolíngues. No entanto, conforme análise do vocábulo 'ovo', as definições não orientam o consulente sobre os sentidos socialmente aceitos e já sedimentados pelo uso da língua portuguesa na sua variante brasileira, os chamados conhecimentos 'velhos'. O propósito do DPLBH é apresentar os sentidos 'novos', construídos nas/pelas matizes sócio-cultural-históricas que caracterizam os belo-horizontinos, assemelhando-os e, ao mesmo tempo, diferenciando-os dos outros mineiros, brasileiros.

As considerações acima pontuadas desvelam a indissociabilidade entre 'léxico-cultura'; posto que, na dinâmica textual-discursiva, os sentidos condensados nas designações das unidades lexicais e/ou manifestadas por meio delas devem ser expandidos para facultar a leitura significativa dos dados e dos fatos sócio-histórico-político-econômico-culturais.

Logo, alargar os estudos léxico-culturais na dinâmica do processo ensino-aprendizagem de língua materna é possibilitar um exercício multi-, inter- e transdisciplinar que faculte a compreensão das permanências e das rupturas, inscritas nos processos de construção-desconstrução-reconstrução e manutenção da identidade cultural de um povo singular na pluralidade e plural na singularidade (MORIN, 2002).

Nesse contexto de breve análise, o DPLBH revelou-se um material didático-pedagógico relevante para o ensino de Língua Portuguesa no que se refere ao desenvolvimento das habilidades linguísticas fundadas e fundamentadas na correlação indissociável e intercomplementar entre léxico-cultura. A análise desvelou aspectos culturais que implicam na variação

linguística regional por meio da qual se interpreta e compreende peculiaridades do modo singular de ser, estar e falar belo-horizontino inscrito na pluralidade da língua portuguesa na sua variante brasileira.

Referências

BARBOSA, L. M. A. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. **Filologia e linguística portuguesa**, São Paulo, n.10-11, p.31- 41, 2008/2009.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DICIONÁRIO Popular da Língua Belo-Horizontina: uam homenagem do aeroporto internacional de BH aos 120 anos da capital. Disponível em: <[file:///C:/Users/L%C3%BAcia%20Lopes/Desktop/dicionario popular da lingua belo horizontina%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/L%C3%BAcia%20Lopes/Desktop/dicionario%20popular%20da%20lingua%20belo%20horizontina%20(1).pdf)>. Acesso em: 20 set. 2018.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauri de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2002.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicografia e semântica lexical: noções fundamentais**. São Paulo: Contexto, 2018.

REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. **Alfa**, São Paulo, v. 28, p. 45-69, 1984.

SANTOS, Márcio. **Estradas reais: introdução ao estudo dos caminhos do ouro e do diamante no Brasil**. Belo Horizonte: Editora Estrada Real, 2001.

SILVEIRA, R. C. P. da. Ensino de língua portuguesa para hispano-americanos: leitura e léxico. In: JUDICE, Norimar. **Ensino de português para estrangeiro**. Niterói: EDUFF, 1997. p. 66 – 88.

SOUZA, Laura de Melo. **Desclassificados do ouro: a pobreza mineira do Século XVIII**. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

TURAZZA, Jeni Silva. O dicionário e suas funções. In: BARBOSA (Org.) **Língua portuguesa: uma visão em mosaico**. p. 153-171. São Paulo: EDUC, 2002.

VILELA, Mario. **Léxico e gramática**. Coimbra: Almedina, 1995.